

# *Clarice Lispector:*

UMA GEOGRAFIA FUNDADORA



CARPE DIEM  
EDIÇÕES E PRODUÇÕES



# Clarice Lispector: UMA GEOGRAFIA FUNDADORA

Palestra proferida na Academia Pernambucana de Letras, durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2010

## I. “A DONA DE CASA QUE ESCREVIA”

*“Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O ‘amar os outros’ é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca [...].”*

Clarice Lispector [Crônicas publicadas no Jornal do Brasil entre 1967 e 1973. Pedro Karp Vasquez].

É com esse recorte literário de extrema e profunda beleza que saúdo todas as mulheres, neste dia consagrado a homenageá-las, uma vez que Clarice Lispector desafia o próprio cânone literário e obriga os críticos e estudiosos a reconhecerem uma “literatura feminina” em sua obra. É a grande biógrafa Nádya Batella Gotlib que afirma: “Ninguém escreveu como mulher como Clarice. Não só porque [na sua obra] os personagens na maioria são mulheres, mas porque o modo de ver tem um olhar feminino que um dia a teoria da literatura vai tentar definir, talvez consigam.”

Utilizo aqui as lentes de aumento com que essa escritora brasileira transfigurava o cotidiano, objetos e acontecimentos, para ressaltar, neste dia, a importância da presença feminina no mundo. Olga Borelli assim descreve a mulher Clarice: “Ela tinha suas obrigações diárias como qualquer dona de casa. O ato de escrever não intervinha nesse cotidiano.” E a definiu como “a dona de casa que escrevia”.

Na farta iconografia de diversas publicações em livros, revistas e jornais, eletrônicos ou não, podemos observar que ela escrevia sentada numa cadeira da sala de visitas, com a máquina de escrever portátil sobre o colo e os filhos brincando à sua volta. Dizia que não queria que as crianças tivessem uma “mãe de gabinete”.

Assim, faço desta palestra, no Dia Internacional da Mulher, uma homenagem não apenas a Clarice Lispector, mas a todas as mulheres representadas por Clarice seja em seu universo ficcional ou reunidas nela.

## II. A PAIXÃO POR CLARICE

Clarice Lispector é a personalidade literária mais multimídia do Brasil. Já inspirou dissertações de mestrado, discos, shows, filmes, exposições, pinturas, comunidades na internet.

De acordo com uma pesquisa internacional realizada pelo projeto *Conexões Itaiú Cultural, Mapeamento da Literatura Brasileira no Exterior*, depois de Machado de Assis, o nome de Clarice Lispector é o mais lembrado pelos tradutores, professores e bibliotecários estrangeiros. Desde que Clarice faleceu uma legião de fãs cresce a cada ano. São, sobretudo, jovens que fazem dos livros de Clarice Lispector seus companheiros de cabeceira e gostam de registrar essa paixão na internet. Os números são significativos: no Google há mais de um milhão de opções para Lispector no mundo, sendo cerca de 900 mil páginas em português. Há ainda 642 mil referências para *blogs* e 57 mil para *photoblogs*. No Orkut já existem mais de 150 comunidades associadas ao seu nome, num total de 260 mil participantes.

Quando acessamos no YouTube o vídeo da entrevista que ela concedeu a Júlio Lerner, aqui já referida, constatamos mais de cem mil acessos em quatro anos de exibição no canal. Mais que isso, há por volta de quatrocentos comentários de exaltação e elogios bem próprios dos internautas, na sua maioria jovens. Alguns recortes dessa entrevista, exibiremos aqui.

Aos que estranham tamanho sucesso no mundo virtual é bom lembrar que, segundo Lígia Sardinha Forte, no livro *Informação e tecnologia: conceitos e recortes* (2005), organizado por Antônio Miranda e Elmira Simeão: “(...) a realidade virtual procura maximizar

a realidade em si e trazer com ela todas as sensações experimentadas pelos usuários em sua vida real.” Nada mais a par da literatura de Clarice que a maximização da realidade, suas lentes de aumento no cotidiano imperceptível intensificando-o e detendo, em uma rede fina, a sua parte sólida, o fluido espesso das aparências, para deixar entrever o “instante”, o estado crítico da sensibilidade e da urgência. Nada mais virtual que o estado lírico para o qual é arremessado o leitor durante a leitura da obra dessa brasileira-ucraniana, orgulho da literatura em língua portuguesa.

A obra de Clarice continua cativando leitores de todas as partes do mundo. Além das línguas mais conhecidas a exemplo do inglês, francês, italiano, alemão e espanhol, a autora também já foi traduzida em línguas como croata, coreano, finlandês, sueco, hebraico, grego,



Casarão onde morou a família Lispector, no Recife, em 1925:  
Praça Maciel Pinheiro, nº 387, 2º andar, na esquina da  
Travessa do Veras com a Rua do Aragão.

tcheco, russo, catalão, turco e japonês. Mas além de sua escrita insinuante e eminentemente autobiográfica, Clarice Lispector também conquistou fãs por sua extrema beleza. Gregory Rabassa, o renomado tradutor americano de Gabriel García Márquez, Jorge Amado, Mario Vargas Llosa e da própria Clarice, classificou-a como uma das mais influentes escritoras dentre os escritores brasileiros, afirmando que Clarice foi *o Kafka* da ficção latino-americana. Mas ao falar sobre a autora, Rabassa não resumia seus comentários ao aspecto literário. “Clarice era tão bela, fiquei chocado ao encontrar uma pessoa rara que se parecia com Marlene Dietrich e escrevia como Virginia Woolf”. (The New York Times, 11 de março de 2005).

Recentemente, o crítico americano Benjamin Moser lançou o ensaio biográfico *Clarice*, pela Cosac Naify, tendo ampla repercussão.

A Editora Rocco lançou, também, recentemente, uma seleção de 22 contos feita por leitores e organizada por Teresa Montero, intitulada “Clarice na cabeceira”.

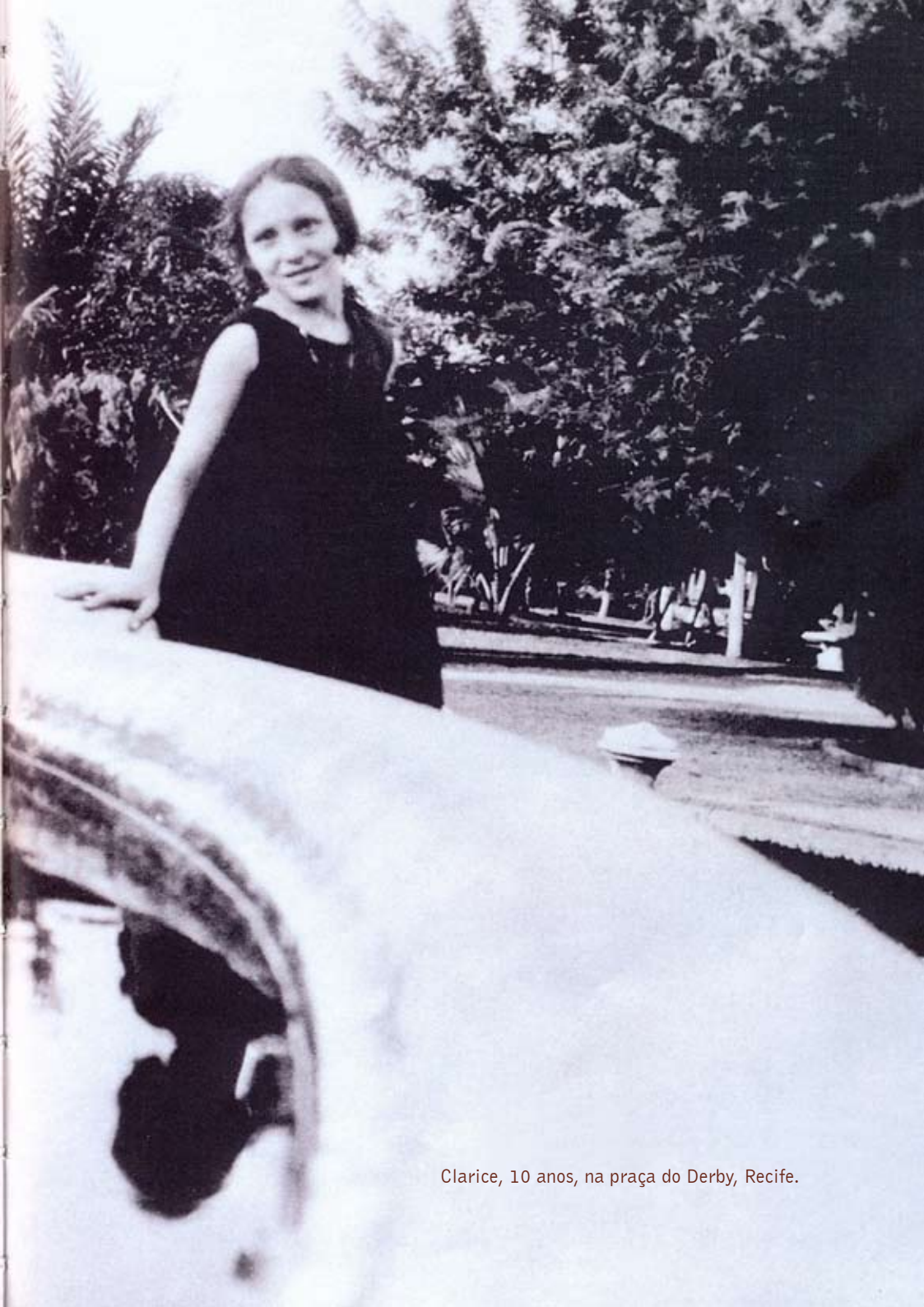
Foram reeditadas, em livro, as suas crônicas no *Jornal do Brasil*.

“Que mistério tem Clarice/pra guardar-se assim tão firme, no coração?“, pergunta Caetano Veloso.

“Ler Clarice é viver em permanente estado de paixão”, responde Teresa Monteiro.

### III. “CRIEI-ME EM RECIFE”, “ESTÁ TODO VIVO EM MIM”

Ao chegar ao Recife, com cinco anos de idade incompletos (1925), Clarice já viajara muitas milhas: para nascer, obrigou a família emigrante a uma estada na aldeia Tchetchelnik, em 10 de dezembro de 1920. Chaya (Clarice), que em hebraico significa vida, os pais e as duas irmãs ainda passariam por Bucareste para chegar ao porto de Hamburgo, quando só então atravessariam o Atlântico e chegariam a Maceió em 1922. Fugiam dos pogroms, ataques violentos aos judeus, que ocorreram em muitas partes do mundo, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Na cidade alagoana, exceto Tania, todos da família mudariam de nome, por iniciativa do pai, Pinkhas, que passaria a se chamar Pedro; a mãe, Mania, Marieta; a irmã, Leia, Elisa; e Chaya, Clarice. Mesmo assim, seu sobrenome, Lispector, causaria estranhezas aos menos avisados sobre a “flor-de-lis no peito” que ela era.



Clarice, 10 anos, na praça do Derby, Recife.

Singular em suas origens, Clarice acentuaria seu destino emigrante: no Brasil, além de Maceió e do Recife, viveu no Rio de Janeiro e em Belém do Pará; no exterior, durante 16 anos, transitou entre várias cidades, residindo por períodos mais significativos em Nápoles (1944), Berna, Suíça (1946), Torquay, Inglaterra (1950), Washington, EUA (1952).

Portanto, seria difícil fundar uma geografia para a escritora de origem judia se não a ouvíssemos afirmar: “Morei no Recife, morei



Clarice, em conferência no Recife, com José Mário Rodrigues e Olga Borelli, em junho de 1976.

no nordeste, me criei no nordeste”. Clarice faz essa afirmativa em entrevista a Júlio Lerner, aqui já referida. Justificava assim a tônica de seu romance então inédito, *A hora da estrela*, que surpreenderia a todos com uma abordagem sociorregionalista à qual nunca se rendera, mesmo no início de sua carreira, quando ainda em voga as propostas literárias da Geração de 30. Os críticos já apontavam, nessa época, indícios de um modo de ser mais direto, mais explícito, na sua produção e Nádia Batella Gotlib sugere que a autora se ficcionalizara em seus últimos trabalhos: deixa de ser apenas a escritora para ser a persona que ela própria criava. A simultaneidade espacial e temporal de seus romances entra em perfeita simbiose com essa perspectiva de sua biógrafa brasileira.

São as declarações dela mesma e a abordagem desse seu último romance, *A hora da estrela*, com protagonistas nordestinos imigrantes no Rio de Janeiro, que permitem apontar a importância de uma geografia fundadora da escritora Clarice Lispector que afirma: “desde que comecei a ler e escrever eu comecei também a escrever pequenas histórias”. Sua alfabetização se deu no grupo escolar João Barbalho, no Recife, aos sete anos de idade. Aos nove, ela já escrevera uma peça de três atos que escondeu de todos entre as estantes. Revelaria depois: “Era uma história de amor”. Nesse mesmo ano morre sua mãe que, dentre os da família Lispector, foi a maior vítima da violência dos pogroms. Já se encontrava, então, no Collegio Hebreo-Idisch-Brasileiro, onde termina o terceiro ano primário. Estuda piano, hebraico e ídiche. Em 1931, ingressa no Ginásio Pernambucano e a “tímida e ousada” Clarice já apresentava seus trabalhos para publicações em jornais locais. Foi recusada muitas vezes, mas não deixava de enviar suas histórias embora nunca tenha sido agraciada com os prêmios concedidos às crianças leitoras; talvez – observa a crítica literária Ermelinda Ferreira – “porque seus textos já focalizassem menos o enredo do que a reflexão”.

A essa altura, as dificuldades financeiras da família já eram menores e mudaram-se do pequeno sobrado da Praça Maciel Pinheiro para o segundo andar do sobrado número 21 da Rua da Imperatriz. No térreo, funcionava a livraria de Rebecca Berenstein, conhecida como Livraria Imperatriz, e da sacada avistava-se o rio Capibaribe.

Em 1935, Clarice já estaria em terras cariocas, mas anotava: “Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife. Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?”

Por toda essa vivência incrustada para sempre na nossa paisagem e, mais ainda, pelo fato de que foi em nossas escolas que ela aprendeu a ler e escrever em língua portuguesa aqui inaugurando a sua literatura no nosso idioma, ousou dizer que **o Recife é a geografia fundadora da escritora Clarice Lispector.**

No ensaio biográfico já citado de Benjamin Moser intitulado *Clarice*, destacamos dois trechos sobre esse pertencimento ao Recife:

“Passaram três anos em Maceió, dos quais Clarice não teria lembrança alguma; tinha cinco anos de idade quando se mudaram para o Recife, no qual ela sempre pensaria como sua cidade. “Pernambuco marca tanto a gente que basta dizer que nada, mas nada mesmo nas viagens que fiz por este mundo contribuiu para o que escrevo. Mas Recife continua firme. “Criei-me em Recife”, ela escreveu em outro lugar, “e acho que viver no Nordeste ou Norte do Brasil é viver mais intensamente e de perto a verdadeira vida brasileira [...] Minhas crendices foram aprendidas em Pernambuco, as comidas que mais gosto são pernambucanas.” (Fl. 80)

[...]

Meses antes de morrer, Clarice Lispector fez sua última viagem ao Recife, para dar uma palestra na universidade. Ela insistiu em se hospedar no Hotel São Domingos, na esquina da Praça Maciel Pinheiro, onde ficava o velho banco judaico. Passou horas na janela olhando para a pracinha onde crescera. Para a pequena Clarice, conforme ela lembrou numa entrevista, aquele jardimzinho, onde os motoristas de táxi flertavam com as empregadas domésticas, parecia uma floresta, um mundo onde ela escondera coisas que nunca mais conseguiu recuperar. Depois de todos aqueles anos, só a cor da casa tinha mudado:

“Minha lembrança é a de olhar pela varanda da Praça Maciel Pinheiro, em Recife, e ter medo de cair: achei tudo alto demais [...] Era pintada de cor-de-rosa. Uma cor acaba? Se desvanece no ar, meu Deus.”

Um entrevistador perguntou: “Sabemos que você passou toda a sua infância aqui no Recife, mas o Recife continua existindo em Clarice Lispector?”. Ela respondeu: “Está todo vivo em mim”. (Fl. 88)

O referido ensaio biográfico do crítico americano busca associar a trajetória de Clarice à questão de pertencimento, como se sua produção literária refletisse de forma cifrada a sua existência plena. Dessa forma, a sua origem ucraniana, a sua criação no Recife e a sua moradia no Rio de Janeiro são tão importantes quanto a leitura de clássicos como *O Lobo da estepe* de Hermann Hesse e *Crime e castigo* de Dostoiévski, que a influenciaram.

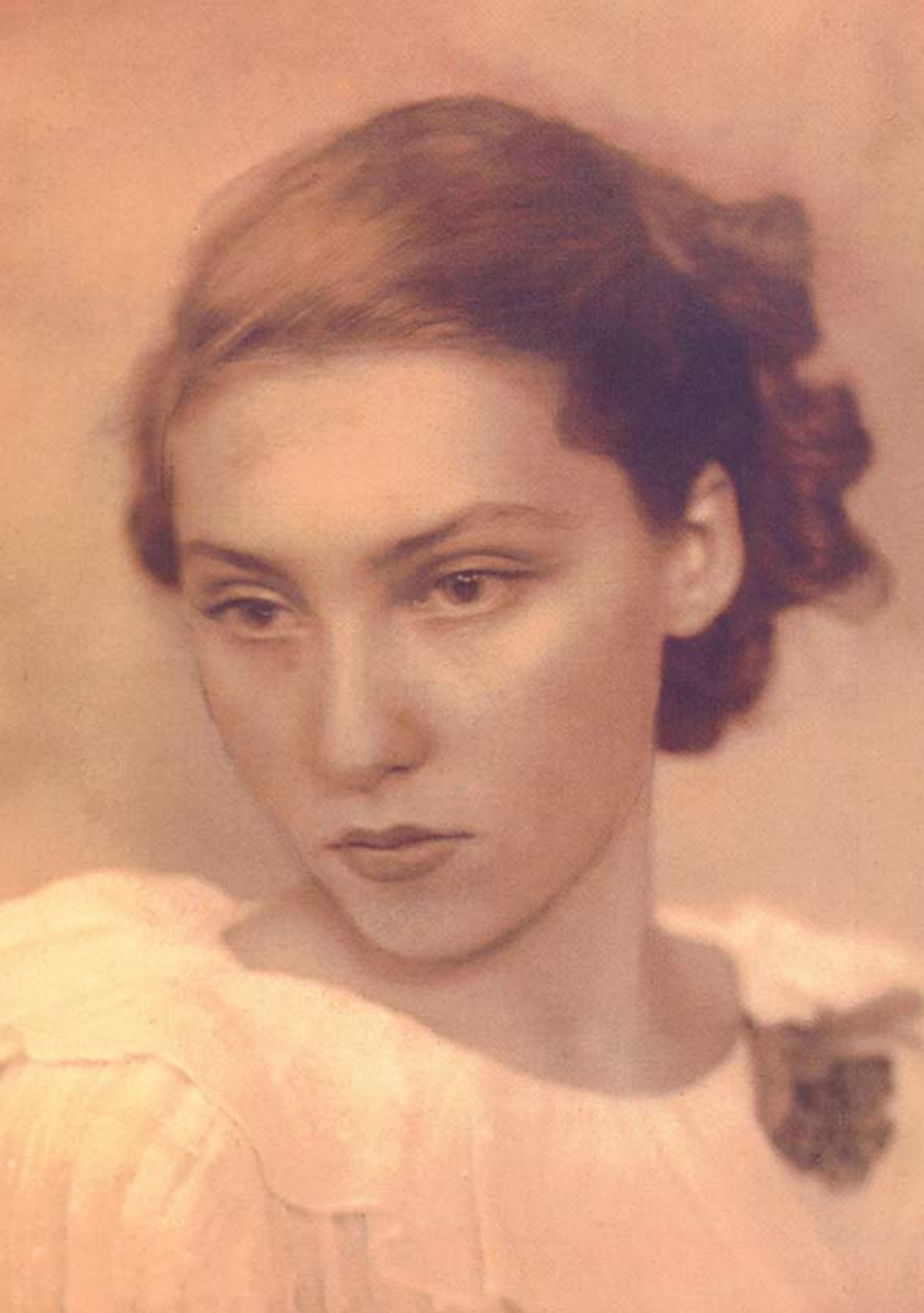
O Recife precisa reivindicar Clarice. A casa onde ela viveu na Praça Maciel Pinheiro deveria ser um memorial. Precisamos mudar a relação do Recife com Clarice Lispector e passar a adotá-la plenamente.

Neste ano são 90 anos de nascimento de Clarice e a Fliporto 2010 fará uma homenagem especial a essa grande escritora.

#### IV. FELICIDADE CLANDESTINA: OLHAR DA INFÂNCIA

Muitas anotações preciosas encontram-se em *Clarice: fotobiografia*, de Gotlib, no entanto, para descobrir a paisagem do Recife no universo ficcional, o livro *Felicidade clandestina* (1971) traz narrativas exemplares, quase autobiográficas, da menina e da adolescente Clarice revisitada pela então mãe de dois filhos, Pedro e Paulo, um casamento desfeito, variados níveis de dificuldades socioeconômicas contrastantes com o reconhecimento internacional que já obtivera, além de graves episódios comprometedores de sua saúde.

“Felicidade clandestina” é o nome de um dos 25 contos que dá título à obra. Além dele, a paisagem recifense insere-se acentuadamente em “Restos do carnaval”, “Cem anos de perdão” e “Os desastres de Sofia”. São narrativas em primeira pessoa povoadas pela arguta menina de nove anos, que “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”, ao ter em mãos o primeiro volume de Monteiro Lobato; pela primeira máscara que



permitia esconder-se dela mesma; pelo seu professor “grande e silencioso, de ombros caídos”; pelas rosas roubadas das mansões não frequentadas pela Lispector hoje inserida em todas as geografias indimensionais de seus milhares de leitores no mundo.

Detenhamo-nos na clandestina felicidade de Clarice. Sob suas poderosas lentes de aumento surge a antagonista. “Mas que talento tinha para a crueldade. Ela era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.” Assim Clarice descreve a antagonista no conto, aquela que lhe negaria a felicidade: a primeira edição de *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

A partir dessa negação sistemática instaura-se o processo kafkiano da revolução do ser estabelecendo novas relações com ele mesmo e com o mundo. Surge, então, a adolescente em um erotismo singular: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo ele, comendo-o, dormindo-o.”

Daí o primeiro salto rumo à epifania na desrealização temporal: “(...) mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas do Recife. Dessa vez nem cá: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira. (...) Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso.”

O roteiro cotidiano humilhante não é doloroso, a adolescente às voltas com o grotesco crispa-se, desequilibra-se e encontra-se com o essencial escondido dela mesma e desnuda a personagem cruel: “Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: **como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.**” (grifos nossos). Eis aqui uma característica que permeia a obra de Clarice: desnudada a personagem, ergue-se a compaixão articulada por quem domina a ciência da dor, por quem já desceu aos seus próprios infernos. Se conjugarmos as inúmeras

personagens de Clarice na extensão de sua obra, poderemos dizer que Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*, talvez represente mais agudamente esse poder da narrativa da Lispector.

Mergulhada no “eu” e no “outro”, a “menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife”, enfim obtém o objeto desejado: “Não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.”

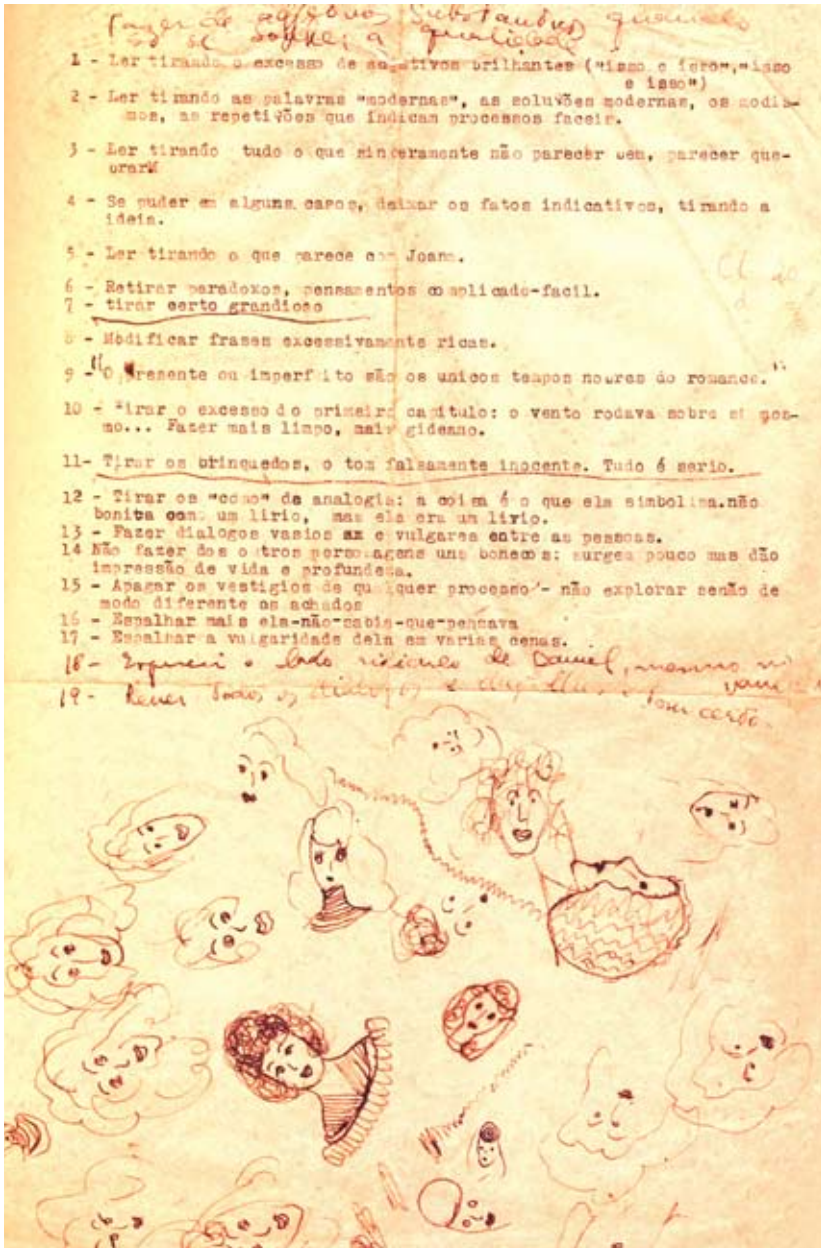
Esvai-se o “não”, desrealiza-se o real. Eros apodera-se da cena e é todo sedução, personificação absolutamente pertinente à fabulação:

“Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adieei ainda mais indo comer pão com manteiga (...) Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina para mim. Parece que já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.”

Este conto revela uma constante na obra de Clarice: sua paradoxal profundidade narrativa em confronto com a linguagem simples, sem rebuscamento vocabular ou sintático, mas intensamente lírica e singela: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.”

Mesmo no tônus da narrativa psicológica, aqui e ali surgem a paisagem recifense e muitas outras, coletadas na dolorosa viagem interior a que é compelido o leitor de Clarice. Fátima Quintas, em seu ensaio *Clarice Lispector: nervo exposto*, observa: “Ouso dizer que a literatura é uma autobiografia concebida sob o vórtice de fatos idealizados – a possibilitação do ser ou o imaginário do ser – e calçada em uma história assinada pelo nome do outro”.

Em Clarice, o íntimo parece cósmico, o silêncio, o mais agudo dos gritos. Na consagração do instante, a definitiva epifania: “Eu acho que quando não escrevo estou morta.” Clarice Lispector.



Manuscrito de Clarice.

## V. PAIXÃO PELO LIVRO

A escolha desse conto *Felicidade clandestina* que revela a paixão de Clarice pelo livro foi também a maneira que encontrei para homenagear o grande bibliófilo José Mindlin recentemente falecido, aos 95 anos, e, em nome dele, a todos e todas que compartilham dessa paixão. Clarice, aos 9 anos, já começara a escrever, Mindlin, aos 13 já iniciara sua coleção e, antes de partir (2006), doou grande parte dela à USP, dando origem à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, uma prova de sua grandeza e de seu altruísmo, pois esse legado é um dos mais importantes do Brasil. São exemplos a serem lembrados e seguidos sempre, exemplos que acendem o orgulho de ser brasileiro e nos impulsionam a prosseguir nas fronteiras da luta pela cultura do nosso Estado, de nosso país.

É com esse sentimento que agradeço a todos pela paciência em ouvir-me, neste Dia Internacional da Mulher, em que homenageamos Clarice Lispector e lembramos de José Mindlin, compartilhando a homenagem com todas as mulheres neste dia tão especial.

Muito obrigado.

Antônio Campos  
Escritor, advogado, acadêmico  
camposad@camposadvogados.com.br



## BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Ermelinda. Clandestina felicidade: infância e renascimento na obra de Clarice Lispector. *Revista Cerrados*. Universidade de Brasília, n. 24, ano 16, 2007.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice, fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LERNER, Júlio. Entrevista concedida por Clarice Lispector ao jornalista Júlio Lerner, no programa Panorama, em 1977. Edição da TV Cultura. Os trinta anos incríveis. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9ad7b6kqy>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira (Org.). *Informação e tecnologia: conceitos e recortes*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2005.

MONTERO, Teresa (Org.). *Clarice na cabeceira*. Rio: Rocco, 2009.

MOSER, Benjamin. *Clarice*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2009.

QUINTAS, Fátima. *Clarice Lispector: nervo exposto*. Recife: Bagaço, 2007.

FOTOS extraídas do livro: GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice, fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

capa - arte sobre foto de Bluma Wainer do acervo de Paulo Gurgel Valente, p. 236

p. 2 - foto de Bluma Wainer do acervo de Paulo Gurgel Valente, p. 136

p. 5 - foto do acervo da Fundação Joaquim Nabuco, Coleção Benício Dias, p. 64

p. 7 - foto de Bluma Wainer do acervo de Paulo Gurgel Valente, p. 79

p. 8 - foto do acervo de José Mário Rodrigues, p. 430

p. 12 - foto do acervo do Arquivo Nacional, p. 100

p. 15 - imagem do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 205

p. 17 - foto do acervo de Paulo Gurgel Valente, p. 183

p. 19 - foto do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 361

4ª capa - arte sobre foto do acervo de Paulo Gurgel Valente, p. 304





Texto

**Antônio Campos**

Revisão

**Norma Baracho e Cláudia Cordeiro**

Projeto gráfico

**Patrícia Lima**